

4. Os caminhos da pesquisa: percurso teórico-metodológico

4.1

Tia, você viu nossa escola no jornal? : O cenário de realização do estudo

A Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, campo de realização do presente estudo, se organiza a partir de 10 Coordenadorias Regionais de Educação, que abragem toda a cidade, contando, atualmente, com 1060 unidades escolares e 237 creches e, aproximadamente, 700 mil alunos de Educação Infantil, do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos. A Rede Pública Municipal de Ensino desenvolve, desde 1996, uma proposta político-pedagógica denominada Multieducação. O documento elaborado³ apresentava o Núcleo Curricular Básico, abordando, dentre outros temas, uma reflexão sobre as múltiplas linguagens na escola.

Assumindo a questão das Linguagens como um dos princípios educativos, o texto já apontava naquele momento a necessidade de repensar o trabalho pedagógico face às demandas de uma realidade em constante transformação.

A nova realidade tecnológica e cultural cria, constantemente, novos desafios e, com eles, a exigência de uma visão mais crítica e ampliada dos recursos que estão à volta de todos nós, adultos e crianças, dando nova ordem ao tempo e espaço em que vivemos. Outras relações se estabelecem entre o sujeito e a constituição de sua identidade, sendo significativo o papel das linguagens na formação destas relações e na vida que se transforma, permanentemente. (Multieducação,1996,p132)

Nessa trajetória outro aspecto a destacar é a criação da Multirio, Empresa Municipal de Multimeios, em 1993. Atuando em consonância com a política educacional da Secretaria Municipal de Educação e considerando a necessidade do uso e da apropriação crítica das mídias⁴, a empresa desenvolve diversas ações voltadas prioritariamente para a produção de programas de TV e de impressos, além de um portal na internet, contribuindo para a formação de professores e alunos e para o trabalho das escolas.

³ O texto na íntegra pode ser encontrado em www.rio.rj.gov.br/sme

⁴ Maiores informações no site www.multirio.rj.gov.br

Em 2006, a Secretaria Municipal de Educação iniciou a publicação de fascículos de atualização curricular, dentre os quais se encontra o documento intitulado “Mídia-Educação”⁵, com o propósito de ampliar e aprofundar a reflexão iniciada em 1996. O fascículo apresenta alguns pressupostos para o desenvolvimento de práticas mídia-educativas na escola, com base nos estudos realizados pelas equipes responsáveis e na experiência acumulada nos últimos anos, com o desenvolvimento de diversos programas e projetos envolvendo professores e alunos. O documento evidencia a busca por uma proposta que considera a perspectiva mídia-educativa do currículo como uma das dimensões do trabalho pedagógico, ultrapassando o caráter meramente instrumental/utilitário da TV, do rádio, do jornal, da internet etc, na sala de aula. Assim, propõe-se que o acesso às mídias na escola envolva a compreensão das tecnologias como fruto de uma produção social que constitui identidades e valores e, ao mesmo tempo, é por eles constituída. Mais do que uma preparação restrita à aquisição de habilidades técnicas específicas, faz-se necessário, segundo a proposta, compreender os processos pelos quais professores e alunos acessam, interpretam, criticam e produzem novas informações e conhecimentos, no contexto das diferentes mídias e suas respectivas linguagens.

A Rede Municipal apresenta uma realidade complexa e multifacetada, na qual todos os atores são convidados a enfrentar o desafio de construir um projeto educativo que viabilize a aproximação e a integração dos campos da educação e da mídia. Nesse contexto, algumas propostas se destacam pelo processo criativo identificado nas ações desenvolvidas, bem como pelos resultados obtidos, enquanto outras ainda se encontram num momento inicial, necessitando maior sustentação teórica e revisão dos encaminhamentos metodológicos adotados.

Considerando a produção de audiovisuais, compreende-se, a partir do currículo proposto, que tal atividade não pode ser desenvolvida focalizando apenas um produto final, mas como um processo no qual os modos de produção e de negociação de sentidos que se estabelecem entre professores e alunos, são fundamentais para a constituição de uma atitude cada vez mais crítica e consciente frente aos diferentes meios.

Observa-se que a produção de vídeos, com filmes de animação, documentários, obras de ficção, entre outros, tem integrado a prática de alguns

⁵ Disponível em www.rio.rj.gov.br/sme

professores, que atuam nas salas de aula dos diversos segmentos ou nos projetos e programas promovidos na Rede, especialmente, nas 30 Salas de Leitura Pólo, nos 9 Núcleos de Arte, nos 20 Pólos de Educação pelo Trabalho e, ainda, nas 478 escolas com laboratórios de informática⁶.

Um dos aspectos que parecem concorrer para a configuração desse quadro é a promoção de diversas ações de formação promovidas na Rede, dentre as quais um exemplo significativo é a parceria da Secretaria Municipal de Educação com a equipe coordenadora do Festival Anima Mundi, que desde o ano de 2002 desenvolve o projeto Anima Escola, voltado para a formação de professores e alunos na produção de animações, por meio de oficinas e discussões teóricas. Segundo os dados obtidos junto à Diretoria de Ensino Fundamental da Secretaria Municipal, o projeto já atendeu a 944 professores e 5.530 alunos.

Buscando delimitar o campo de investigação, propôs-se como foco central desta pesquisa a análise de produções cujo reconhecimento, para além dos limites da sala de aula, tem sido evidenciado pela participação das escolas em mostras e festivais de filmes realizados por professores e alunos, especificamente aquelas inscritas e selecionadas nas várias edições da Mostra Geração⁷. Há oito anos integrando a programação do Festival do Rio, a Mostra se traduz num evento significativo da área. Sua importância, o histórico de participação das escolas da Rede Municipal e a particularidade de ter entre os critérios de seleção dos trabalhos a exigência do envolvimento das crianças e jovens no processo de produção dos vídeos foram os parâmetros adotados para a seleção deste cenário, no qual seriam identificadas as experiências para a pesquisa.

A Mostra Geração é promovida pelo Grupo Estação com a curadoria do Oficina Cine –Escola (programa educativo permanente do Grupo Estação) e do CINEDUC - Cinema e Educação (Instituição sem fins lucrativos que se dedica a ensinar linguagens visuais, principalmente a cinematográfica, para crianças e adolescentes). A atividade é organizada em três programas: Internacional, Encontro com Educadores e Vídeo Fórum.

⁶ Maiores informações sobre os projetos e programas citados podem ser encontradas no site www.rio.rj.gov.br/sme

⁷ Maiores informações sobre o Festival do Rio e as edições da Mostra Geração podem ser encontradas em www.estacaovirtual.com

No programa Internacional, são selecionados e exibidos filmes (longas e curtas-metragens) produzidos em diferentes países, com a preocupação de apresentar para crianças e jovens a diversidade da produção cinematográfica mundial. O Encontro com Educadores é um espaço dedicado aos professores, com a exibição e debate de filmes voltados para o público infantil e juvenil. O Vídeo Fórum tem como propósito exibir audiovisuais produzidos por estudantes de todo o Brasil, com idades entre 9 e 18 anos. Os trabalhos tratam dos mais variados temas, entre ficções, documentários e animações e as sessões são acompanhadas de debates, em que realizadores e platéia são estimulados a pensar sobre o que foi exibido.

A seleção dos filmes segue critérios definidos no regulamento para a inscrição na Mostra, sendo que a principal exigência é que os trabalhos sejam produzidos por crianças ou jovens. Os interessados em participar podem inscrever mais de um trabalho, preenchendo fichas de inscrição para cada um em separado. A seleção dos trabalhos recebidos é coordenada pela equipe responsável pela organização do evento segundo critérios previamente definidos e resulta na programação da Mostra.

Considerando a programação de todas as edições do evento, identifica-se uma presença marcante da Rede Municipal, de acordo com os números na tabela abaixo:

Tabela 1: Participação da SME/RJ na Mostra Geração (2001 a 2007)

Ano	Total de produções exibidas na Mostra Geração	Produções da Rede Municipal	
		nº de filmes	nº de unidades envolvidas
2001	17	01	01
2002	19	06	07
2003	60	14	11
2004	31	10	11
2005	40	07	07
2006	47	11	09
2007	59	13	12
Total	273	52	58

Fonte: catálogos da Mostra Geração de 2001 a 2007. Observações: 1. No item unidades envolvidas foram consideradas, indistintamente, as unidades que compõem a Rede,

participantes da Mostra, podendo ser as respectivas produções realizadas por professores regentes de Sala de Aula ou que atuam nas Salas de Leitura Pólo, Núcleos de Arte e Pólos de Educação pelo Trabalho. 2. A relação entre o número de filmes e de unidades envolvidas não é direta na maioria dos casos. São consideradas as produções coletivas ou a inscrição de mais de um filme por unidade.

Tomando este cenário como ponto de partida, foram identificadas dentre as unidades da Rede aquelas que mais vezes participaram da Mostra Geração, o que demonstraria a regularidade e continuidade das experiências desenvolvidas em cada caso. Foram consideradas, ainda, a localização geográfica e a natureza das propostas de trabalho desenvolvidas (escola regular ou unidade de extensão).

Assim, foram definidas duas propostas de trabalho realizadas por meio de oficinas, sendo uma escola de horário integral (CIEP- Centro Integrado de Educação Pública) e uma unidade de extensão (PET- Pólo de Educação Pelo Trabalho)⁸. Em sete anos de realização do evento, a primeira esteve presente em cinco edições e a segunda em seis.

4.2

“Os adultos acham que nós crianças não temos nenhuma importância”: o grupo envolvido no estudo

O estudo envolveu 25 alunos da Rede Pública Municipal de Ensino, sendo 11 de uma escola de horário integral, aqui denominada Grupo A e 14 inscritos numa das oficinas de um PET – Pólo de Educação pelo Trabalho – denominado Grupo B. São 11 meninos e 14 meninas, no total, com idades que variam entre 10 e 15 anos.

O Grupo A é constituído por 5 meninas e 6 meninos, estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, no período intermediário do 2º ciclo de formação (o que corresponde à antiga 4ª série), de acordo com a atual organização curricular da Rede. A faixa de idades é de 10 a 11 anos, sendo 2 alunos com 10 anos (um

⁸ O PET é uma unidade de extensão educacional, com estrutura e funcionamento próprios, tendo o Trabalho como princípio educativo. Um dos principais objetivos da proposta é contribuir com aspectos considerados significativos na formação da cidadania, por meio de oficinas em diversas áreas, como informática, fotografia e vídeo e protagonismo juvenil. A participação nos Pólos é opcional e os alunos podem frequentar tantas oficinas quanto seja possível conciliar os horários. Os alunos frequentam as oficinas em turno diferente daquele em que estão matriculados na escola. Maiores informações em www.rio.rj.gov.br/sme.

menino e uma menina) e 9 alunos com 11 anos (cinco meninos e quatro meninas). Eles estudam nas turmas 1501 (6) e 1502 (5) e ao final do ano deixarão a escola para concluir o segundo e o terceiro ciclos em outra(s) unidade(s).

A escola na qual estudam é um CIEP – Centro Integrado de Educação Pública– localizado no Bairro de Irajá, na Avenida Brasil, área de abrangência da 6ª Coordenadoria Regional de Ensino, e atende a 710 alunos de Educação Infantil, do Ensino Fundamental (1º Ciclo de Formação e 2º Ciclo de Formação- período inicial e intermediário) e da Educação de Jovens e Adultos (PEJA I). A unidade escolar conta com uma Sala de Leitura Pólo, com significativo acervo de livros de literatura Infantil e juvenil, entre outros, onde também funciona um núcleo de mídia, com equipamentos de áudio, vídeo e um laboratório de informática.

Segundo dados obtidos nas fichas de matrícula, todos residem no mesmo bairro da escola (7) ou nos bairros vizinhos, de Acari (3) e Coelho Neto (1).

Com relação aos seus pais, 4 alunos moram com o pai e a mãe e 7 moram apenas com a mãe, sendo 5 os casos de pais não declarados. As avós constam como responsáveis por 2 alunos junto à escola, apesar de morarem com a mãe (1) ou com o pai e a mãe (1). As escolaridades variam entre o Ensino Fundamental (antigo 1º grau) incompleto e Ensino Médio (antigo 2º grau) completo, sendo, no caso das mães, 7 com 1º grau completo, 1 com 1º grau incompleto e 3 não declaradas. Os pais têm o 1º grau completo (3), 1º grau incompleto (2) e 2º grau (1).

As profissões das mães são: doméstica (1), costureira (1), servente (1) e do lar (8). Os pais são: vigilante (1), operador cano (1), auxiliar de serviços gerais (1), mecânico (1) e militar (1).

Foi possível, ainda, identificar as religiões declaradas, sendo 6 católicos, 1 evangélico, 1 cristão e 3 não declarados.

No primeiro encontro com o grupo pude constatar que dois alunos são primos, outro tem uma irmã menor que também estuda na escola e todos têm, pelo menos, um irmão ou irmã, mas em alguns casos, não são filhos dos mesmos pais ou não moram juntos. A região onde moram e estudam é considerada de baixa renda, com poucas opções de lazer e acesso a bens culturais da cidade. Nas conversas realizadas sobre o que costumam fazer quando chegam da escola e nas horas vagas, as respostas foram, em sua maioria, relacionadas às tarefas domésticas (arrumar a casa, lavar louças, varrer, cuidar dos irmãos menores etc)

para “ajudar a mãe”. As horas vagas são invariavelmente destinadas a brincadeiras na rua (andar de bicicleta, jogar bola, pique-esconde, pega-pega, queimado), um traço ainda característico dos bairros da zona norte da cidade. A tevê é citada em segundo lugar e, em alguns casos, como alternativa para os dias em que “fica perigoso ir pra rua”.

No Grupo B, encontram-se os alunos com idades entre 11 e 15 anos, sendo 5 meninos e 9 meninas. Os meninos têm as idades de 11 (1), 13 (1) e 15 (3) anos e as meninas 12 (1), 13 (3), 14 (3) e 15 (2). Todos são alunos do 2º e 3º ciclos de formação, o que compreende os quatro últimos anos do Ensino Fundamental, e estudam em diversas turmas da mesma escola: 1 da turma 1602, 4 da turma 1702, 2 da turma 1703, 1 em cada uma das turmas 1801 e 1802, 2 na turma 1803 e 3 na turma 1902.

A escola onde estudam é também onde se localiza o PET no qual ocorre a oficina observada. Situa-se no bairro de Botafogo, área de abrangência da 2ª Coordenadoria Regional de Educação, e funciona em horário parcial, com dois turnos, atendendo a 1458 alunos de Educação Infantil, Ensino Fundamental (1º, 2º e 3º ciclos) e 4 classes especiais (para alunos com deficiência).

Embora as vagas das oficinas realizadas no PET sejam oferecidas a alunos de qualquer escola da Rede, o grupo observado é composto exclusivamente por alunos da escola onde o mesmo funciona. A oficina na qual os alunos estão inscritos é denominada Multimídia e envolve a produção de vídeo, jornal impresso e da rádio escolar.

As informações obtidas junto à Direção revelam que os alunos residem em sua maioria em locais próximos à escola (Ladeira dos Tabajaras, Santa Marta, Morro Azul, Beco do Sambista, Mundo Novo), dentro do mesmo bairro (10). Também foram citados Catete (1), Santa Tereza (1), Rio Comprido (1), Centro (1).

Metade do grupo (7) mora com os pais e a outra metade só com a mãe e destes últimos, em três casos, não consta o nome do pai. As profissões declaradas pelas mães são: auxiliar de serviços gerais (4), doméstica (3), arrumadeira (1), diarista (1), manicure (1) merendeira (1) e do lar (2). Os pais são: porteiro (2) e confeitiro (1) auxiliar de serviços gerais (1), camelô (1), pedreiro (1) mecânico polidor (1), cozinheiro (1) e aposentado (1).

Alguns alunos (6) não são naturais do Rio de Janeiro, sendo 3 do Ceará, 1 de Belém do Pará, 1 da Paraíba e 1 do Maranhão.

Assim como no grupo B, todos têm, pelo menos, um irmão ou irmã, mas em alguns casos, não moram juntos. Participam do grupo dois irmãos (uma menina e um menino), que estudam em anos diferentes (6º e 9º, respectivamente), mas se inscreveram na mesma oficina.

Os bairros onde estudam e/ou residem ficam nas zonas sul e centro da Cidade. São muitas as opções de lazer e as oportunidades de participação em projetos e programas educativos e culturais, promovidos por Ongs e outras instituições públicas ou privadas. Muitos alunos do grupo participam dessas atividades (oficinas de dança, cursos de informática e de desenho, entre outras). As horas vagas são destinadas, na maioria dos casos, a ver tevê/ DVD ou jogar videogames. Também foram citados ir ao cinema, ouvir rádio, ler, desenhar e dormir. Em segundo plano aparece a rua e as brincadeiras com os amigos (jogar bola ou ficar conversando).

4.3

“Eu acho que foi ótimo a senhora aparecer aqui”: os procedimentos adotados

A aproximação com o problema apresentado apontou a necessidade de um estudo exploratório, no qual a entrada no campo foi tomada como ponto de partida para a definição do perfil do grupo a ser estudado e dos caminhos investigativos a serem trilhados.

Considerando o contexto da Mostra Geração como cenário para a escolha das produções e seus respectivos autores, selecionei, entre os participantes do evento, aqueles com maior frequência na mostra, considerando todas as edições. Assim, o quantitativo de alunos envolvidos, sua faixa etária e demais informações relativas ao perfil do grupo, foram determinados após a realização de um mapeamento da participação da Rede Municipal na referida Mostra e dos primeiros contatos com as escolas.

Os procedimentos inicialmente adotados envolveram, portanto:

- um mapeamento das escolas participantes da Mostra Geração, desde a sua primeira edição- 2001 a 2006. (Anexo 1);
- a definição dos grupos e das produções audiovisuais a serem investigados;

- o planejamento de atividades a serem realizadas com os alunos.

4.3.1

A entrada no campo: primeiras aproximações

O trabalho de campo não pode ser entendido como mera coleta de dados. Não se trata de reproduzir o real, mas de reconstruí-lo (ANDRÉ,1995). Assim, a experiência de campo e o apoio teórico são igualmente importantes para a interpretação dos sistemas de representação, dos pontos de vista e das ações dos participantes.

Acredito que conhecer previamente as escolas e os professores foi um facilitador para a realização do trabalho de campo. Apesar de percorrer todas as etapas previstas pela Secretaria Municipal de Educação para a entrada nas escolas, tomando o cuidado de não fazer prevalecer, em nenhum momento, o fato de atuar no Nível Central da Secretaria, o conhecimento prévio da realidade na qual estaria desenvolvendo meu trabalho contribuiu para que algumas etapas iniciais (apresentação e conhecimento mútuo) fossem superadas logo de início. Outro aspecto que parece estar relacionado a este fato foi a própria receptividade de professores e de alunos em ambos os casos. No entanto, a familiaridade com o campo também pode se tornar um problema para o pesquisador (ANDRÉ, 1995). Ao investigar uma realidade tão próxima, ele pode se levado a acreditar que já a conhece o suficiente para buscar “atalhos” no caminho. A chamada *Ilusão da familiaridade* (LOPES,1997) pode ser superada pelo permanente questionamento da realidade, transformando o familiar em estranho e percebendo-o, segundo Velho (1981) “como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe, através dos quais fomos socializados”.

A entrada nas escolas foi precedida de alguns contatos por telefone e se deu, efetivamente, a partir de visitas iniciais, nas quais apresentei às respectivas Diretoras e equipes (Diretoras Adjuntas, Coordenadoras Pedagógicas e Professores envolvidos) os documentos de autorização do estudo e a proposta de trabalho. Foram dois encontros em cada escola, sendo o primeiro com as Diretoras e equipes e o segundo com os professores diretamente envolvidos no estudo e seus alunos.

O primeiro encontro com os alunos teve a finalidade de conhecer os grupos e apresentar minha proposta de trabalho. Neste caso, a conversa teve um tom de convite, o qual poderia ou não ser aceito por cada um deles.

No primeiro grupo visitado — Grupo B —, os alunos fizeram muitas perguntas sobre as atividades propostas, apresentando, em alguns casos, certa desconfiança (logo depois superada). No Grupo A, a adesão dos alunos foi imediata, dispensando explicações: “Tá, tia, a gente topa o desafio”, “A gente vai te ajudar”.

Nos dois grupos, houve boa recepção de todos os alunos (nem todos estavam presentes no primeiro encontro) e o fato de testemunharem a aproximação da pesquisadora com os respectivos professores parece ter favorecido a aceitação dos mesmos. Alguns alunos, em ambos os casos, perguntaram especificamente se eu já conhecia o/a professor (a) outros perguntaram ao próprio professor “Ah, você já conhecia ela?”.

Depois do primeiro encontro com as escolas, retomei o cronograma inicialmente previsto para ajustar datas e horários.

O grupo que, neste estudo, designei como sendo A, realiza sua produção audiovisual numa atividade desenvolvida pela Coordenadora Pedagógica da escola. A “Oficina de Cinema” é uma das atividades proporcionadas aos alunos como parte integrante do currículo dessa escola de horário integral. Os alunos são convidados pela própria coordenadora a participar da oficina, mas também podem optar pela não participação na atividade. Segundo a professora, no início do trabalho, o critério para a formação dos grupos era envolver os alunos com problemas de comportamento na escola ou dificuldades para acompanhar o trabalho na sala de aula, mas, com o passar do tempo e o interesse despertado nos demais a oportunidade foi dada a todos os alunos de acordo com as possibilidades de organização do trabalho. Os encontros, a princípio previstos para ocorrer às segundas-feiras, passaram para as sextas, pela manhã, a fim de compatibilizar meus horários com os da professora e favorecer meu encontro com os alunos que participavam há mais tempo desta atividade. Por sugestão da professora, o horário da oficina foi, naquele período, exclusivamente destinado às atividades desenvolvidas por mim com aos alunos.

A “Oficina Multimídia”, da qual participa o grupo de crianças que, neste estudo, designei como B, é coordenada por um professor que atua no Pólo de

Educação Pelo Trabalho, sendo também regente de Educação Física da escola, em outros horários. Os alunos se inscrevem no início do ano letivo e passam a integrar a oficina em horário oposto ao das aulas regulares. A oficina é oferecida em vários dias e horários. Como pretendia acompanhar alunos que já tivessem uma experiência anterior, tendo participado da produção de alguns dos vídeos selecionados para a Mostra Geração, passei a acompanhar um dos grupos que se reunia, às terças-feiras, à tarde. Neste grupo o horário da oficina foi organizado a cada semana, em acordo com o professor, de modo que em alguns momentos eles trabalhavam com ele em alguma atividade (enquanto eu os observava) e, em outros, o grupo se envolvia nas propostas por mim apresentadas.

Nos dois casos a frequência dos alunos era bastante irregular. Em cada escola, observava-se um grupo mais assíduo e outro que se revezava a cada encontro. Os encontros foram semanais, com duas horas de duração, sendo às terças, de 15 às 17h no Grupo A, e às sextas, de 10 às 12h no Grupo B. A duração dos encontros também variou de acordo com as atividades propostas aos alunos (tanto por mim, quanto pelos próprios professores) e com a dinâmica das escolas, sendo, em alguns casos, maior ou menor que o previsto ou até mesmo não ocorrendo.

4.3.2

Objetivos do estudo e procedimentos adotados

As questões de estudo inicialmente propostas se desdobraram nos seguintes objetivos:

- Analisar, a partir da ótica dos próprios alunos, como crianças e jovens se apropriam da experiência de produção de audiovisuais na escola;
- Investigar a(s) trajetória(s) da produção dos audiovisuais analisados.
- Identificar como os alunos, produtores de mídia na escola, avaliam suas próprias produções.

As características identificadas em cada contexto, conjugadas com os objetivos acima descritos e com os referenciais teórico–metodológicos que fundamentam o estudo, orientaram a construção de uma proposta de abordagem que priorizou a observação dos atores envolvidos, em situações do cotidiano vivido, em cada escola, e a proposição de atividades com foco nas interações

entre os pares e no caráter dialógico de sua relação com a pesquisadora. A necessidade de desenvolver uma atitude permanente de escuta, procurando ouvir o que as crianças têm a dizer sobre o que fazem e o que pensam sobre o que fazem e sobre o mundo no qual vivem é enfatizada por COHN (2005), como um bom caminho para evitar que “imagens adultocêntricas” enviesem as observações e reflexões.

Além da observação participante, com registros no caderno de campo, foi definida como principal estratégia a realização de oficinas nas quais os alunos participaram debatendo suas idéias, realizando registros escritos (textos e desenhos) e analisando as próprias produções assim como as de outros alunos da Rede.

Entrevistas semi-estruturadas também foram realizadas com os alunos, ao final do trabalho, e também com os professores responsáveis pelas oficinas em cada escola e realizadores da Mostra Geração. Deste modo foi possível aprofundar algumas questões não entendidas ou suficientemente explicitadas ao longo dos encontros, bem como identificar o olhar dos adultos que compartilharam com os meninos e meninas as experiências analisadas.

Para Dauster (1989), o trabalho de campo, a observação participante e o uso de entrevistas em profundidade são os instrumentos de elaboração de um conhecimento relativizador em busca dos sistemas de representação, classificação e organização do universo investigado.

Um aspecto a destacar foi a opção pelo uso do gravador e da câmera de vídeo não apenas nas observações, mas também nas entrevistas. Mais do que meros recursos de registro, possibilitaram recuperar detalhes não percebidos no decorrer das atividades, constituindo-se parte da estratégia de trabalho, já que, por diversas vezes, solicitei intencionalmente aos alunos que assumissem a filmagem do que estávamos fazendo ou segurassem o gravador enquanto falavam. A presença dos equipamentos não os incomodou, ao contrário, possibilitou que expressassem uma grande familiaridade com eles. Além disso, em alguns casos fui socorrida pelos próprios alunos nos momentos em que algo parecia dar errado.

Ao final do trabalho, foram 24 fitas de vídeo e 21 de áudio, num total de 23 horas de gravações audiovisuais e 25 horas de áudio.

Foram realizados 30 encontros no total, no período de agosto a dezembro de 2007, sendo 14 com o Grupo A e 16 com o Grupo B, considerando inclusive, no caso do segundo grupo, o acompanhamento da participação dos alunos na Mostra Geração 2007 e na Feira de Ciências do Planetário da Gávea, na qual realizaram a filmagem do evento a pedido da Coordenadoria.

Não foi objetivo deste estudo estabelecer juízos de valor entre as duas experiências observadas. Tratava-se, ao contrário, de ouvir as crianças e jovens envolvidos nas oficinas de produção audiovisual, identificando conceitos, valores e sentimentos que colocam em jogo nas relações que estabelecem com/ a partir dos meios. Tratava-se, ainda de buscar compreender, em cada processo, os caminhos percorridos na direção da apropriação da experiência mídia-educativa, caracterizando os modos de produção por meio dos quais atribuem sentidos e significados àquilo que realizam.

4.3.3 As oficinas dirigidas

As atividades realizadas em cada oficina tiveram como eixo a interação entre os alunos participantes, de modo que a relação pesquisador – aluno sofresse, sempre que possível e necessário, um deslocamento do centro para as margens da ação. O objetivo desta estratégia foi promover ao máximo as situações de troca entre os pares, de modo que as idéias, desejos e sentimentos fossem endereçados aos próprios colegas e não ao “Outro” adulto.

As oficinas dirigidas assumiram, ainda, um caráter de continuidade das rotinas escolares de cada grupo, já que ambos estavam acostumados a essa modalidade de trabalho, o que, certamente, favoreceu o “*estreitamento da confiança*”, que este tipo de atividade já propicia (Fernandes, 2003), contribuindo ainda mais para que agissem com naturalidade durante nossos encontros.

O trabalho foi organizado em três grandes oficinas, com várias partes cada, abordando o levantamento das histórias audiovisuais e das preferências individuais sobre o que assistiam na tevê e/ou cinema, a descrição do trabalho que realizavam na oficina da escola e a avaliação das produções audiovisuais. Os temas foram:

oficina 1- Conversando sobre filmes: nossa história audiovisual;

oficina 2- Contando aos outros como trabalhamos;

oficina3-Trocando idéias: análise das produções.

Para cada uma das oficinas foram definidas questões e/ou aspectos norteadores a fim de organizar a ação e orientar a abordagem dos grupos, considerando os objetivos propostos.

A duração de cada oficina foi variável, de acordo com a natureza das atividades propostas, o tempo disponível e o envolvimento do grupo, podendo ser, em alguns casos, realizada em apenas um dia ou prolongar-se por vários encontros.

4.3.3.a

Conversando sobre filmes: a história audiovisual

Esta oficina foi estruturada em duas partes. Na primeira, a dinâmica proposta foi a de entrevistas em duplas ou trios. Os alunos assumiram o papel de repórteres com a tarefa de descobrir tudo sobre os hábitos e preferências dos colegas, em relação ao que assistiam na tevê e aos filmes vistos no cinema ou em DVD.

Este também foi um momento de apresentação geral do grupo, no qual os alunos disseram seus nomes, idades, turma na qual estudavam, além do tempo de participação na oficina da escola, no início de cada entrevista.

Cada repórter poderia fazer as perguntas que desejasse, tendo em vista o objetivo da entrevista. Na organização dos grupos foi considerada a necessidade de que todos entrevistassem e fossem entrevistados.

Além das perguntas livres os alunos poderiam se basear num roteiro (Anexo 2) com questões previamente elaboradas por mim, para usarem como apoio ou complemento da entrevista feita, caso desejassem. Os principais aspectos abordados foram: com quem mora; o que costuma fazer quando tem tempo livre; se gosta de assistir tv, por quanto tempo (em média por dia), onde (casa/escola/outro), sozinho ou acompanhado, do que mais gosta/menos gosta na tv e por que; se costuma ir ao cinema, com que frequência, com quem, quem escolheu/escolhe os filmes.

A segunda parte da oficina foi dedicada ao levantamento da história audiovisual dos alunos. Foram distribuídos papéis (brancos e coloridos), canetas

hidrocores, lápis de cor, tesouras, cola e revistas para que, individualmente, os alunos produzissem desenhos ou colagens sobre os filmes por eles assistidos, no cinema, na tevê ou em dvd, dos quais se lembravam. Seriam aceitas listagens de títulos ou representações de cenas e/ou personagens. Foi solicitado aos alunos que sinalizassem os filmes citados destacando se foram vistos no cinema, em casa ou na escola.

Ao final da atividade cada aluno apresentaria seus registros ao grupo, compartilhando com os demais o seu próprio repertório audiovisual.

4.3.3.b **Contando aos outros como trabalhamos**

Ao invés de me relatarem como trabalhavam na oficina de vídeo, foi proposto aos alunos que contassem aos colegas da outra escola sua experiência de produção de audiovisuais. A descrição de como funcionava a oficina, por que escolheram participar dela, quais os equipamentos disponíveis, o que já tinham aprendido e o que pretendiam aprender entre outros, seriam os aspectos abordados.

Os depoimentos foram gravados em vídeo pelos próprios alunos e a gravação seria exibida por mim em cada escola. Após a exibição dos depoimentos, cada grupo poderia elaborar perguntas ou comentários que seriam apresentados nos encontros seguintes. De acordo com o envolvimento dos grupos nesta atividade poderíamos ter outros desdobramentos sugeridos pelos próprios alunos no diálogo entre as escolas

4.3.3.c **Trocando idéias: análise das produções**

Nesta oficina, a exibição de filmes produzidos por alunos, seguida das análises feitas por eles, foi a principal atividade. O trabalho foi organizado em três partes, correspondendo cada uma delas a um bloco de exibições⁹. Todos os filmes exibidos fizeram parte da Mostra Geração, considerando as edições de 2003 a 2007, privilegiando, no caso das produções de outras escolas, as mais recentes. A seleção dos vídeos privilegiou a diversidade de temas, formatos e faixa etária dos autores, além da duração dos mesmos. A dificuldade de encontrar alguns

⁹ A relação completa dos vídeos exibidos e um pequeno resumo dos mesmos constam no anexo 3.

materiais, já que nem todos os filmes estavam disponíveis, e as condições técnicas de reprodução nos aparelhos de DVD das escolas foram outros fatores que afetaram a seleção feita.

Foram exibidos 24 vídeos, com duração entre 1 e 15 minutos, num total de, aproximadamente, 2 horas de exibição. No primeiro bloco, intitulado “Nossos vídeos” constavam os filmes produzidos nas escolas dos dois grupos, com 3 filmes do Grupo A e 4 filmes do Grupo B. Na exibição feita para o primeiro grupo foi incluído mais um filme produzido por eles, a pedido de um dos alunos. O vídeo não fazia parte da seleção inicial e sua inclusão foi solicitada pelo fato de que, apesar de ter participado da produção do mesmo, ainda não havia visto o filme. Segundo o aluno, ele não viu o filme porque não foi à Mostra Geração e também faltou à escola no dia em que fora exibido.

No segundo bloco, denominado “Outros filmes I”, foram apresentados 9 produções com filmes de diversas escolas dos anos de 2005 e 2006 e o terceiro e último bloco, chamado “Outros filmes II”, incluiu 8 filmes da Mostra 2007.

Cada filme foi avaliado, recebendo uma nota de 0 a 10, com a justificativa dos alunos. Um pequeno roteiro de questões (Anexo 4) foi proposto aos alunos para que registrassem em fichas previamente distribuídas se gostaram ou não do filme, se o indicariam a alguém, que modificações desejavam sugerir etc.

A questão do registro escrito foi um complicador no caso do grupo A, em função da agitação dos alunos, do extravio e perda das fichas, por eles, e de dificuldades de escrita por parte de alguns. Deste modo, os depoimentos desse grupo passaram a ser registrados exclusivamente em áudio e vídeo.

4.3.4 Entrevistas

As entrevistas individuais foram realizadas após a conclusão das oficinas, servindo como um fechamento do trabalho. Àquela altura, já tínhamos bastante intimidade, o que contribuiu para que, conforme meu objetivo inicial, o roteiro previamente definido fosse cumprido num tom de “bate papo”, de acordo com o

encaminhamento das conversas. Assim, em cada caso, novas perguntas foram, por mim, inseridas ou substituídas, assim como outros comentários e opiniões livres foram feitos pelos alunos.

O fato de serem realizadas ao final do ano letivo causou algumas dificuldades, pois a proximidade das férias excitava os estudantes, que já não freqüentavam a escola com a mesma regularidade. Este problema foi contornado com o retorno às escolas por mais um ou dois dias além do previsto.

As questões, agrupadas por temas (Anexo 5), abordavam, respectivamente, nossos encontros, a oficina realizada na escola, a repercussão da mesma na sala de aula e em casa, a relação que estabelecem entre o que produzem e o que assistem no cinema e na tevê.

Com os adultos, as perguntas versaram sobre os objetivos e as principais características da proposta de trabalho desenvolvida em cada contexto (nas oficinas e na Mostra Geração) e suas percepções sobre a participação dos alunos e os possíveis impactos do trabalho que realizam na formação dos mesmos.

Foram realizadas 8 entrevistas no Grupo A e 12 no Grupo B, além das entrevistas feitas com os respectivos professores (2) e com profissionais envolvidas na realização da Mostra Geração (3)¹⁰. Totalizando, 20 entrevistas com os alunos e 5 com os adultos.

¹⁰ Felícia Krumholz, integrante do Grupo Estação e coordenadora geral da Mostra Geração, Marialva Monteiro, secretária executiva do CINEDUC e curadora da Mostra e Rosa Helena, ex-aluna do CINEDUC, supervisora pedagógica do programa Salto para o Futuro da TV Escola e convidada para o debate no vídeo fórum em 2007, realizado no dia em os alunos do Grupo B se apresentaram.



Conversando com os alunos no Grupo A: “Você é o repórter”



Conversando sobre o repertório audiovisual com os alunos no Grupo B